

Alquimia na Clínica

Irene Gaeta³

O livro **Alquimia na Clínica** nasce como fruto do X Simpósio do curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica na Universidade Paulista (UNIP), que se deu em meio à Pandemia de Covid-19, em 2021. Este volume é um congregado de discussões promovidas e reflexões partilhadas no evento e foi a maneira encontrada pelos autores para dividir e semear os saberes alcançados.

A obra é permeada por associações com mitologias, culturas e arte. Neste livro, a alquimia desvela-se a partir de sua multiplicidade nas possibilidades de interlocução com outras áreas. Sob diversos prismas, pode-se compreender a contribuição ancestral da alquimia, que foi berço para o surgimento de outros tantos saberes. É este o fio condutor de **Alquimia na Clínica**, que discute as diversas colaborações desta área para o labor clínico da Psicologia.

Franklin Chang abre as discussões com “Notas comparativas entre a alquimia chinesa e a ocidental”, iniciando uma investigação comparativa entre as tradições da Alquimia Chinesa e a da Ocidental. Existe muito material a ser explorado, mas graças ao trabalho pioneiro de C.G. Jung e sua pesquisa de mais de 30 anos no assunto, o caminho comparativo ficou facilitado graças à Psicologia Analítica, que forneceu linguagem e conceitos modernos para a compreensão dessas tradições milenares. Para Jung, a Alquimia Chinesa, através do texto **O Segredo da Flor de Ouro**, serviu como prova histórica do processo de Individuação e do Inconsciente coletivo. Viu nesse antigo texto do século IX d.C., a descrição de experiências psicológicas comparáveis às de seus modernos pacientes de terapia. Já a Alquimia Ocidental, é uma tradição que remonta à época de Alexandria no Egito e serviu como base histórica para fundamentar diversos conceitos da moderna Psicologia. Nesse capítulo, utiliza-se o texto **Rosarium Philosophorum**, que Jung utilizou para explicar o fenômeno da transferência pelo ponto de vista alquímico.

No segundo capítulo, Renata Whitaker desenvolve “A importância da imaginação para compreender a alquimia”. O texto discute observações de Jung, que notou que a alquimia está repleta de imagens simbólicas que retratam estados e experiências

³ Psicóloga (PUC-SP), Mestre em Gerontologia (PUC-SP) e Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP). Professora do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP, dando Supervisão de estágios em clínica no Núcleo de Psicoterapia, segundo o enfoque da Psicologia Analítica integrada às técnicas de Abordagem Corporal. É Analista Junguiana, IJUSP/ AJB. Membro da International Association for Analytical Psychology (IAAP). Coordenadora da Pós-Graduação em Psicologia Analítica, Arteterapia Junguiana, Psicoterapia Junguiana, Psicogerontologia e Terapias Corporais e Artísticas da Universidade Paulista. Atua na área clínica desde 1990, atendendo adolescentes e adultos. Autora dos livros: *Memória Corporal: o simbolismo do corpo na trajetória da vida* (2020); *Arteterapia e Mandalas. Uma Abordagem Junguiana* (2010); *Arteterapia e o Corpo Secreto - Técnicas Expressivas Coligadas ao Trabalho* (2006); *Arteterapia de Corpo e Alma* (2004) e *Arteterapia - Um Novo Campo Do Conhecimento* (2007). Organizadora dos livros *Travessias no Tempo: Arte & Jung* (2022) e *Alquimia na Clínica* (2022).

psicológicas, estimulam a nossa psique, transformam a nossa consciência, portanto, a nossa realidade. A alquimia, ao falar das transmutações das matérias fala também das transformações dos indivíduos. O capítulo aborda a importância da imaginação para a alquimia e o efeito que a ação das imagens tem sobre a psique e a realidade física. O conceito de imaginação é um dos mais importantes para termos uma vida fértil, criativa, capaz de reconsiderar a realidade, com objetivo de desenvolver o máximo de quem verdadeiramente somos. A imaginação é a ferramenta que precisamos para compreendermos a alquimia, da mesma maneira, como uma direção oposta, a alquimia traz a rota imaginativa para compreendermos o universo interior.

No terceiro capítulo, Patrick Paul discute “Sonhos, epistemologia onírica, alquimia”. Os fundamentos do pensamento de Jung. Esse artigo tenta esclarecer a linha histórica e epistemológica que inspirou Jung e lhe deu alguns dos fundamentos para desenvolver sua “psicologia das profundezas”. Para entender sua linha de pensamento, são apresentadas as mudanças epistêmicas históricas que vão construir o pensamento ocidental e ver que Jung, adicionando a visão tradicional do passado (a parte antropológica), do Renascimento (a parte alquimia) e do pensamento moderno (o papel fundamental, em particular, do “círculo de Éranos” em Ascona), buscando reabrir o conceito da alma e do *mundus imaginalis*, essenciais para compreender o pensamento de Jung e o entendimento que ele tem dos sonhos.

No quarto capítulo, “Psicologia e Alquimia”, Arnaldo Bassoli trata esta interface sob os seguintes ângulos: o contato inicial entre Jung e a Alquimia - os sonhos que apontavam para este caminho, o ponto de contato mais profundo entre a Psicologia de C. G. Jung e a Alquimia - a *coniunctio* como ideia norteadora, presente em ambas, a Psicologia Profunda e sua ligação com a tradição, as fases alquímicas da Nigredo, Albedo e Rubedo e o atendimento psicológico e, por fim, a fase transicional entre Nigredo e Albedo: a fase Azul, a *unio mentalis*.

O quinto capítulo – “Reflexões entre a alquimia e a mitologia africana”, por Leonardo Tondato – visa estabelecer comparações entre os deuses da mitologia africana (orixás) e as operações da alquimia, dentro da tópica junguiana. Através da mitologia comparada e da psicologia analítica busca-se pensar em tais aproximações que envolvem, então, o fenômeno humano, juntamente com as etapas de suas transformações internas. Na roda da vida e no xirê dos orixás (ritual que cultua desde o orixá Exú, até Oxalá) estamos enredados pela alquimia e pela existência humana e divina.

Em “O processo de luto sob as lentes da alquimia”, sexto capítulo, Maria Sílvia Pessoa tece reflexões sobre os processos de luto, de individuação e da alquimia. O que há de comum nesses três fenômenos? Entre os diversos aspectos, a autora cita a transformação, a circularidade, a profundidade, a singularidade e a possibilidade de serem

vivenciados com mais ou menos consciência. A alquimia é uma valiosa ferramenta terapêutica no trabalho com alma enlutada, suas imagens arquetípicas proporcionam um espaço seguro, um vaso que dá suporte à complexa jornada que envolve a elaboração de perdas significativas. Na jornada do luto é preciso adentrar conscientemente no terreno da morte, considerando que se trata de um processo no qual o princípio feminino prevalece, pois é a *anima* que ilumina o caminho. Por isso, nesse texto o processo é referido como processo, movimento fluido e não a estágios, fases ou tarefas sequenciais que precisam ser realizados, cumpridos e superados. O processo de luto é um fenômeno psíquico, único, não linear, que nos envolve, nos desafia e nos conforta quando conscientemente abrimos um espaço para ele em nossa vida. A morte é um aspecto da vida que sempre acarreta algum impacto e transformações na trajetória daqueles que a confrontam. A reação a ela, apesar de muitas vezes árdua e desafiadora, pode possibilitar força e renovação, impulsionando o enlutado em direção à individuação, à busca do significado.

Ana Maria Caramujo discute no sétimo capítulo, “Música e Alquimia”, a música, uma das ciências herméticas que contribuem para o desenvolvimento integral do indivíduo. Sendo a Alquimia uma alegoria ao processo de individuação, isto é, de tornar-se o que de fato se é, na psicologia analítica, a autora propõe a música como uma possível ferramenta para o caminho de descoberta do Si-mesmo, de autoconhecimento.

Por fim, escrevo, em coautoria com Marina Pereira, o oitavo e último capítulo deste volume “O universo onírico em imagens: os processos alquímicos e o uso de recursos expressivos”. Nesta produção, sugerimos uma forma de trabalho clínico pautado em um tripé articulado: sonhos, recursos expressivos e alquimia. A união destes recursos apresenta-se como forma potente de expressão do mundo interno do sujeito e das imagens da alma. Para ilustrar essa experiência, recorreremos ao repertório teórico de Carl G. Jung e apresentamos imagens e relatos da vivência prática na clínica e, para tanto, utilizamos uma proposta de vários materiais: lápis de cor, giz de cera, guache e, por fim, argila. Desta maneira há possibilidade de decantar o sonho, integrando a experiência onírica a consciência de forma a ampliá-la. As imagens da alma que nos visitam todas as noites nos sonhos necessitam serem revisitadas, os sonhos nos falam onde estamos e fazendo o quê. Ao buscar a imagem onírica de forma tridimensional com a escultura em argila é possível uma experiência de integração.

Ao nomear alguns dos assuntos discutidos na obra, pretende-se oferecer apenas um vislumbre da construção deste volume e enfatizar que o mergulho em cada um destes temas é mérito de autores comprometidos com a reflexão profunda e produção de conhecimento. Não posso deixar de citar a honra por organizar um livro por Franklin Chang, Renata Whitaker, Patrick Paul, Arnaldo Bassoli, Leonardo Tondato, Maria Silvia Pessoa, Ana Maria Caramujo e Marina Pereira.

Neste livro, é central pensar a alquimia enquanto área que trabalha com processos de transformação e simbolização e, sendo assim, é possível reconhecer alguma semelhança com a Psicologia. São inúmeras analogias e paralelos a serem traçados entre esses saberes e cada capítulo desta obra é uma visita às facetas diversas que compõem o universo clínico. “Alquimia na Clínica” levanta intersecções potentes e ricas em significados, que podem contribuir profundamente no contexto da clínica psicológica. Com grande orgulho e satisfação, deixo meu convite ao leitor a esta imersão em símbolos, mistérios, mas, acima de tudo, em possibilidades criativas para a clínica.